

NA TRILHA DAS BANDEIRAS

Rachel Omoto Gabriel*

RESUMO: O Projeto Filologia Bandeirante, ao buscar traços de língua da época das bandeiras em registros de fala atuais, tem se mostrado de riqueza imensa, uma vez que os resultados obtidos têm ido muito além do escopo inicial do projeto. O presente artigo visa a mostrar parte do trabalho desenvolvido, por meio da análise de dois inquéritos gravados em Catalão (GO). A partir desse estudo, revelam-se as faces sincrônica e diacrônica da pesquisa, que trazem contribuição para a história da língua, para a dialetologia, a sociolinguística e outras áreas de estudo.

Palavras-chave: filologia, linguística histórica, dialetologia.

1. INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2001, uma equipe da Universidade de São Paulo composta por quatro pesquisadores percorreu Paracatu (MG) e Catalão (GO), municípios que compunham regiões periféricas do ciclo mineiro do ouro. Diferentemente dos bandeirantes dos séculos XVII e XVIII, que se embrenhavam no sertão à procura de ouro e índios, os quatro pesquisadores, armados de gravadores, buscavam registros de língua falada por idosos, além de documentos lavrados à época das bandeiras nos cartórios das referidas cidades.

Tal trabalho de campo faz parte do Projeto Filologia Bandeirante, que visa a identificar, em registros de língua oral atuais, resquícios de fala da época das bandeiras. Para tanto, o projeto tem

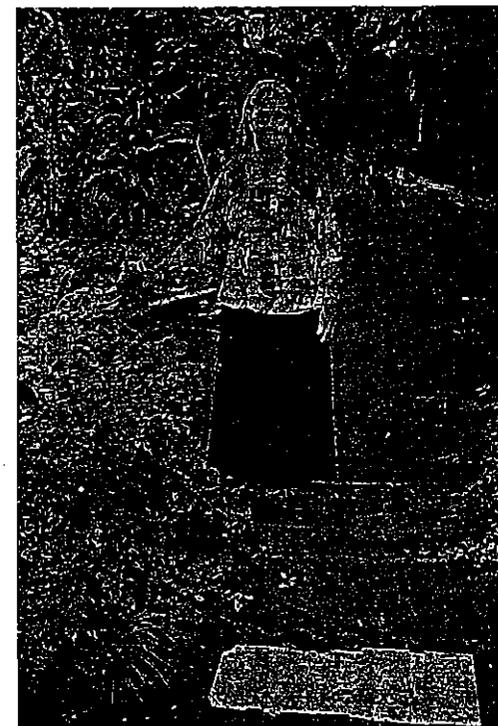
* Universidade de São Paulo (Graduação).

Um dos inquiridos é constituído de entrevista com o casal Lisandra Policena Ribeiro e Armando Cândido Ribeiro que, à época da gravação, tinham 75 e 78 anos, respectivamente. Lisandra nasceu em Pires Belo, distrito a 36 km de Catalão, e Armando diz ter nascido “numa tal de Varge, pa banda do Mata Cachorro”², comunidade rural próxima ao Rio São Marcos. Ambos, apesar de residirem atualmente em zona urbana, passaram a maior parte de suas vidas “na roça”, e lá, Lisandra diz que “fazia fari[nh]a”, tinha que “[en]gordá porco”, “capiná roça”, sendo que “ninguém tinha istudo era tudo ‘nafabeto”.

É graças à filha que o casal se mantém: “nóis tamo... vivo com determinação da fia... (...) se nós p[ri]ncipalmente de um remédio é vergonha falá... a gente tem... cultura niuma cumeçô a istudá e parô”, diz seu Armando, que demonstra uma auto-estima muito baixa, como ocorre, de modo geral, com os idosos em nosso país. Essa situação, no caso de seu Armando, é intensificada pela sua condição social e cultural: “eu pratiquei a vivê mai... no fundo caba seno assim ‘nafabeto bobo... cumo é alguma coisa que ela falô aí... a gente... num é assim totalmente igual os/ iguaela o senhor assim que... dá notícia das coisa faiz as coisa... não”.

Já em outro inquirido, entrevistou-se Edmea Arruda Borges, à época com 69 anos de idade. Nascida na “fazenda Piris”, a alguns quilômetros de Catalão, ela teve de vender o “chão” que “pessuia” para tratar, na cidade, o marido que teve “trambose”. Sua vida é marcada pelo sofrimento. Casou-se aos 18 anos com Sebastião “Borge”, que a maltratava e é o responsável por alguns problemas de saúde que hoje tem a entrevistada. Um dos motivos de grande tristeza para dona Edmea é a morte de um de seus filhos, que ela não consegue esquecer. Atualmente, Edmea sobrevive com a venda de “uns remedi pa curá bronquite”, “corcha” de “ogudão” e “doce de figo” que ela mesma fabrica. O que a “interçe” são suas “prantinha” e busca forças em Deus: “se num fosse...eu tê... entrado nessa religião³ [Congregação Cristã do Brasil] eu num sei que que ia sê de mim”.

³ Leia-se o “g” com som de “j”.



Edmea Arruda Borges
– Catalão (GO)

É a partir desses informantes, cheios de vida e história, que se obteve o *corpus* para análise. Dona Lisandra, seu Armando e dona Edmea serão identificados, respectivamente, como I1, I2 e I3.

* * *

Com relação ao *corpus* de língua antiga, serão utilizadas as *Cartas baianas setecentistas*, *Diário da navegação*, além de exemplos encontrados em Penha (1997), Almeida (2000) e Coutinho (1976). Referência a essas fontes serão feitas, respectivamente por A1, A2, A3, A4 e A5.

4. ANÁLISE DO CORPUS

Durante a análise do *corpus*, como já foi dito anteriormente, atentou-se sempre a traços de língua antiga presentes nos vários aspectos mencionados. Entretanto, muitos dos fenômenos apresentados não encontram correspondentes em manuscritos antigos. Eles foram, da mesma forma, aventados, já que podem ser de grande utilidade para estudos dialetológicos e lingüísticos em geral.

4.1 Aspectos fonológicos

No quadro abaixo, expõem-se os fenômenos fonológicos encontrados, seguidos de exemplos encontrados no *corpus*, além de ocorrências verificadas em registros de língua antiga:

Fenômeno	Ocorrência em registros de língua oral	Ocorrência em registros de língua antiga
Redução do ditongo ou e ou a o	oru (I1); dorado (I1); glocoma (I1); poco (I3); ogudão (I3)	poco (A4, p. 286)
Alçamento de e a i em posição pretônica	isqueço (I1); divia (I1); istudo (I2); aligria (I3) minino (I3)	divida (A1, p. 77); veridador (A1, p. 180); similhaça (A2, l. 142); iquipagem (A2, l. 37); epidimia (A4, p. 277)
Alçamento de o a u em posição pretônica	cucido (I2); governo (I1); bunito (I1); adueceu (I3); cumeço (I3)	ruzario (A1, p. 78); descobrira (A1, p. 85); custume (A4, p. 280); rezulução (A4, p. 280)
Passagem de a a e	engústia (I3)	escandelosos (A1, p. 79); Rezão (A1, p. 79)
Centralização	antão (I1, I3); alfaça (I3); auvino (I3); trambose (I3); definitivamente (I3)	tabalido (A1, p. 80); contrariadade (A1, p. 81); extabalecimento (A2, l. 36); Exaquiel (A2, l. 246); margulhou (A2, l. 350); antão (A3, p. 26)
Passagem de o/a a i	rizim (I2); fi (I2, I3); comprimido (I3) por riazinho; filho; comprometido	imprudência (A1, p. 100)
Metátese	intrevalo (I3); prugué (I3)	detreminado (A1, p. 78)
Alfêrese	'gitado (I1); 'prende (I1); 'té (I2); 'morná (I3); 'panhava (I3)	the (A1, p. 40); customará (A1, p. 94); indo (A3, p. 142); 'té (A3, 145)
Rotacismo	murta (I1); arto (I1); curta (I2); arguma (I2); corcha (I3)	[pesquisar corpus de língua antiga]
Desnasalização de vogais postônicas	barrage (I1); vargi (I2); home (I1)	viage (A1, p. 96); home (A3, p. 190)
Dificuldade de pronunciar consoantes nasais	tia (I1); gotia (I1); niun (I2); mia (I3); gadio (I3); por tlnha, gotinha, nenhum minha e gadinho	[Como comprovar?]

A forma *pessuia* aparece na fala de I3, e é encontrada em documentos do século XVIII.

Foi possível verificar vários casos de redução do ditongo *ei*: *geladera* (I1), *dinheru* (I1, I2), *feirão* (I1, I2), *ingenhero* (I3), *travissero* (I3), *primeru* (I2) e *passim*. Há casos em que a semivogal *i* é suprimida, mas em ditongos crescentes: *ascendença* (I1), *raçonnement* (I1), *negóço* (I1), *distança* (I3), *paciença* (I3).

Ocorrem, ainda, diversas inserções de *i* como semivogal em final de palavra, seguida de *s* ou *z*, podendo ocorrer após ope da fricativa: *mai* (I1), *veiz* (I1), *arroiz* (I2), *faiz* (I1), *luiz* (I1) etc. No caso de I3, além da inserção de *i* antes da fricativa, há, muitas vezes, paragoge: *mêisi*, *veizi*, *maisi*. Um aspecto interessante com relação a essa inserção do fonema *i* produzida por I3 é que ela é sistemática, ocorrendo em posição de coda silábica, após *s* ou *r*: *cori*, *ari*, *valori*, *dori*, *paticulari*, *depoisi*, *SUSI* (Sistema Único de Saúde), *bisinet*. Há um caso em que ela ocorre após *l*: *dificuldade*.

Encontra-se a supressão da consoante *r* em encontros consonantais: *quato* (I1), *pedeste* (I1), *picisa* (I2), *quilômeto* (I3), *oto* (I3). I3, às vezes, substitui o *r* de coda silábica por *u*: *fiuma*, *ouganismo*. Verificou-se, também, a ocorrência de diversos casos de rotacização em encontros consonantais, como *pobrema* (I1), *prantava* (I2), *ixpricô* (I3), *exemplo* (I3), *prantação* (I3).

Há casos de iotização, sobretudo em I1 e I2: *ispaiô* (I1), *aguia* (I1), *fia* (I2), *tuia* (I2), *trabaiá* (I2).

Muitos casos de contração de proparoxítonas foram encontrados: *abôbra* (I1), *côrgo* (I2), *calco* (I3), *relampo* (I3), *sasfação* (I3) por *abóbora*, *córrego*, *cálculo*, *relâmpago*, *satisfação*.

4.2 Aspectos morfológicos

Um fato que chama bastante a atenção na fala dos entrevistados é a utilização de várias formas no diminutivo, como por exemplo: *poquim* (I1), *jirauzim* (I1), *pertinho* (I1), *capadinho* (I2), *alegriazinha*

(12), *faturinha* (12), *lamparininha* (12), *cheinha* (11), *gadinho* (13), *todinha* (13), *frutinha* (13). Na realização da consoante palatal, representanda por “nh”, pode ocorrer despalatalização e, nas formas masculinas, pode ocorrer, também, a supressão da vogal final.

Amaral (1955, p. 72) revela que no dialeto caipira as formas no diminutivo são bastante empregadas, sobretudo em adjetivos e advérbios. O autor levanta a possibilidade de existência de uma certa “simpatia” psicológica entre a flexão diminutiva e a idéia adverbial. Para SAID ALI (1931, p. 47), o emprego do diminutivo, tão estimado na linguagem familiar de então, ocorre, de alguns séculos, também em linguagem literária, “faltando naturalmente este sinal de tom carinhoso ao estilo rude e seco do português antigo. Em Frei Luis de Sousa, Vieira e Bernarde, para não mencionar outros, topam-se exemplos análogos ao falar de hoje”: *esfarrapadinho inocente, era pretinho, tão tenrazinha*.

Formas interessantes de derivação sufixal foram verificadas em *comezera* (I1), que dá a idéia de uma grande quantidade de comida; *tiração* (I1) que se refere ao ato de tirar, no caso, leite; *chocado* (“foi uma coisa muito chocado pra mim” – I3), *amargoso* (“feiz um café amargoso” – I3); *insistido* (“ele era muito insistido” – I3).

Com relação a advérbios e locuções adverbiais, destaca-se o uso da forma *diária* por I3. De acordo com ela, “as pessoa procura diária”, ou seja, diariamente, o xarope que ela produz. É interessante, também, a utilização da preposição *de* na formação de locuções adverbiais:

- a) *de primero* (de antigamente):
“...os pai de: de primero num era assim uns pai...” (I2)
- b) *de pocus ano* (há pouco tempo, há poucos anos):
“...custô chegá negôço de energia e chegô de: de de pocus ano...” (I2)

4.3 Aspectos sintóticos

Verificou-se que o pronome pessoal reto ocupa a posição do objeto direto: “...a mãe formô ele...” (I1); “...se guardá ele...” (I1); “...levaru ele...” (I1); “... pa trazê ele” (I3); “a gente tira a semente e mói ela...” (I3). Tal fato, considerado errôneo no português padrão, é fenômeno antigo na língua portuguesa, sendo encontrado em Fernão Lopes: “El-rei mandou-o logo prender, e levaram *ele* e Mateus Fernandes a Sevilha”; “Os cardeais, outrossim, privaram *ele* d’algum direito, se o no papado tinha.”; “Traziam quatro honrados senhores um pano d’ouro tendido em hastes, que cobria *ele* e o cavalo”, como atesta Coutinho (1977, p. 338).

Ocorre, ainda, a ausência de pronomes reflexivos: “...nóis mudô...” (I1, I3); “...nóis cunhecemo casô...” (I1); “...ês (eles) pa podê vingá desse Antero...” (I1). I3 utiliza a seguinte estrutura que substitui o uso do reflexivo: “... antão a gente ficô cunheceno” (nós nos conhecemos).

Algo que se repete com constância na fala dos entrevistados é a preferência por estruturas compostas somente por um verbo, em vez da utilização de estruturas que possuem verbo seguido de outro vocábulo.

- a) “a gente caluniá dos oto é pecado né...” – I1 (fazer calúnia)
- b) “eu tinha que zelá da casa...” – I2 (ter zelo por)
- c) “trabaiô só três dia foi acidentado” – I3 (sofreu um acidente)
- d) “fichô pa trabaiá” – I3 (fez ficha)
- e) “tem que pagá pessoa pra faxiná pra gente” – I3 (fazer faxina)
- f) “minha vontade era só de surcidá” – I3 (de cometer suicídio)
- g) “ele não dexô eu interná” – I3 (ficar internada)

4.4 Peculiaridades

Foram encontradas várias peculiaridades no vocabulário utilizado por I2. Há, por exemplo, o uso da palavra *água* para fazer

referência a rios, a palavra *arretiradu*, no sentido de afastado e o verbo abater no sentido de compensar, no caso, a pouca água dos outros rios, devido à falta de chuva na região: "...muitas água... piquena... diminuiu até até água mais maió um poco tamém diminuiu" (...) "só memo o rio memo... mais arretirado do do municipo o rio Grande... abate um poco...".

São também interessantes as construções "...eu pratiquei a vivê..." e "...dá notícia das coisa...". Esta última pode ser encontrada em *Grande sertão: veredas* (p. 432): "Duvidar, seô Habão, o senhor conhece meu pai, fazendeiro Senhor Coronel Selorico Mendes, do São Gregório?!" (...) "Dou notícia... Dou notícia". Logo no início do Diário da Navegação encontra-se: "o Rio Tie= | té o Rio grande Paraná, eo Rio Gatemy: alem | de outros muitos que sepassão dos quaes ao diante darei | noticia".

A fala de I3 também chama a atenção: "a gente criano os filho a miúdo"; "é o que me interçe essas prantina"; "eles me fala que é muito felizis co/ com esse remédi"; "ia movê com[m] a: aquele si[r]vição grossero"; "ele fazia muita extravagança"; "[vo]cê toma esse remédi quente manhece moiano isso panha af uma constipação a dorí no corpo"; "cum muito pelejá eu peguei... num gosto que os ot[r]o atêma eu peguei um cumprido (...)e ele ficô lá na sala auvino o rádio e dize que tava isperano".

5. CONCLUSÃO

Através dos dados apresentados nesse estudo, foi possível perceber a extensão do Projeto Filologia Bandeirante. A contribuição para a história de nossa língua e para os estudos de dialetologia são apenas dois fatores que atestam a importância das pesquisas que vêm sendo realizadas. Tal afirmação torna-se ainda mais verdadeira se levarmos em consideração que é impossível atentar-nos somente a fatos lingüísticos ao analisarmos a fala de nossos informantes-colaboradores, pois acabamos nos envolvendo com suas histórias e modos de vida. Basta, por exemplo, consultar Almeida

(2000), que destaca, além dos aspectos lingüísticos, traços etnográficos do povo cuiabano.

São pessoas que fazem parte da história, que podem, até mesmo, ser descendentes dos bandeirantes, os "desbravadores" de nosso país, mas que, infelizmente, consideram-se inferiores e excluídas do sistema em que vivem.

O Projeto Filologia Bandeirante faz-nos sentir desbravadores, na medida em que temos a oportunidade de entrar em contato com pessoas de partes do país que já não são inóspitas, mas que precisam, novamente ser descobertas. Continuemos, então, na trilha das bandeiras, na trilha de nossa história, não só lingüística, mas também social.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, M. M. S. *Aspectos fonológicos do português falado na baixada cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil*. São Paulo, 2000. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 2. ed. São Paulo: Anhembi, 1955.
- AMARAL, E. T. R. A transcrição de fitas: abordagem preliminar. In: MEGALE, H. (Org.) *Filologia bandeirante – Estudos 1*. São Paulo: Humanitas, 2000. p. 195-208.
- COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- LOBO, T. (Org.) *Cartas baianas setecentistas*. São Paulo: Humanitas, 2001.
- MEGALE, H. (Org.) *Filologia bandeirante – Estudos 1*. São Paulo: Humanitas, 2000.
- SAID ALI, M. *Grammatica historica da lingua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1931.
- ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ABSTRACT: The project "Filologia Bandeirante", searching for vestiges of language from the period of the "bandeiras" in current speech recordings, has shown to be of immense richness, once the results have gone beyond the initial target. This article intends to present part of the study developed by the project, through the analysis of two recordings made in Catalão (GO). By this analysis, the synchronic and diachronic facets of the project are revealed, bringing a contribution to the history of our language, dialectology, sociolinguistics and other fields of study.

Keywords: philology, historical linguistics, dialectology.